

# O BOM PROFESSOR: UMA REFLEXÃO SOBRE PRODUÇÕES TEXTUAIS- DISCURSIVAS DE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Cristina Guedes de Araújo

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG*

aninha\_guedes07@hotmail.com

**RESUMO:** Ao longo dos anos a profissão professor passou por várias mudanças, entre elas, o ver o professor como um sábio, como transmissor do conhecimento, como aquele que aplica um conjunto de técnicas de controle em sala de aula e recentemente busca-se implantar a imagem do professor como profissional reflexivo, inovador. Percepções estas que afetam diretamente a relação deste com o aluno visto, respectivamente, como um discípulo, como receptáculo vazio, como um agente passivo no sistema escolar, desconsiderando que esse como sujeito integrante desse sistema possui visão crítica e global do profissional que o ensina e do ato de ensinar. Todas estas mudanças de percepções são decorrentes das constantes transformações ocorridas em nossa sociedade, mudanças ocasionadas pelas necessidades da época vivenciada e que se fazem representadas também na atualidade através de discursos de alunos, a exemplo, em suas produções textuais, refletindo este como sujeito discursivo plural. Diante disso, este artigo se propõe a analisar produções discursivas de alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola municipal situada na cidade de Boqueirão – PB, tendo por finalidade investigar a percepção destes sobre o que é ser um bom professor a partir de 10 (dez) produções textuais (ainda em processo de reformulação/ões) elaboradas em espaço escolar, utilizando de uma metodologia interpretativa qualitativa. Com isso, obtemos como resultado as já citadas percepções da profissão docente ao retomar o discurso do professor sábio, afetuoso, inovador, dentre outros, ao mesmo tempo em que o sujeito-aluno projeta subjetivamente sua carência familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito-aluno, Discurso sobre o professor, Produção discursiva no Ensino Fundamental.

## INTRODUÇÃO

Neste texto<sup>1</sup> apresentamos uma análise de produções discursivas de alunos dos anos finais do ensino fundamental II de uma escola pública municipal situada na cidade de Boqueirão – PB. Inserido em um contexto mais amplo de reflexões propiciadas por uma atividade do livro didático adotado pela escola, este estudo analisa e problematiza a heterogênea visão acerca do que é ser um

---

<sup>1</sup> O presente artigo é um trabalho proposto na disciplina TEL: Análise de Discurso ministrada pelo Prof. Dr. Washington Silva de Farias (2017.1).

bom professor, significado pelos alunos dentre outros, como “segundos/as pais e mães” que, conseqüentemente projetam subjetivamente sua carência familiar.

Para tanto, dividimos o referido trabalho em três seções, além desta seção introdutória: na primeira seção, apresentamos conceitos teóricos centrais da análise empreendida e refletimos sobre a imagem do professor ao longo do tempo nos embasando em Geraldi (2010) e Sacristán (2005). Na segunda seção, apresentamos nossa metodologia de análise, a saber, a análise interpretativa. Na terceira seção, discutimos as regularidades discursivas observadas nas produções textuais de alunos do ensino fundamental de uma escola pública situada na cidade de Boqueirão – PB e, finalmente, na última seção, apresentamos nossas considerações finais.

Como dito no parágrafo anterior, iniciaremos nosso trabalho com uma breve apresentação dos conceitos teóricos centrais da análise empreendida, como veremos na seção a seguir.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1. CONCEITOS TEÓRICOS CENTRAIS DA ANÁLISE**

Segundo Orlandi (2015) a Análise de Discurso surge nos anos 60 através da relação entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise que, contribuíram na formação de uma nova noção de discurso e de sujeito discursivo. Com o surgimento da AD, “o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (Idem, p. 18), a qual concebe o discurso como um de seus aspectos materiais (Pêcheux, 2010, p. 163). Esse “torna possível a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (Orlandi, 2015, p. 13), ou seja, discurso é o efeito de sentidos produzidos entre locutores, isso levando em consideração sua relação natural e social como também a história.

Ao articular-se a história podemos perceber interdiscursos, os quais se fazem presentes nos discursos de cada sujeito, afinal, não existe sujeito sem um discurso que trás intrínseco em si uma ideologia. Interdiscurso “é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (Idem, p. 29), dizível este que se estabelece através da paráfrase que, mantém algo em todo dizer.

Os dizeres adquirem sentido a partir de seu contexto de produção sócio-histórico, da posição ideológica de quem o proferi, das palavras que o constitui, etc. afinal, como afirma Orlandi (2015,



p. 41) “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”, por isso, afirmamos que “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (Idem, p. 40), logo, se o sujeito fala do lugar de aluno, suas palavras não significam e/ou valem tanto como a do professor, por exemplo, ou seja, depende da formação discursiva assumida pelo sujeito interpelado.

Não seria diferente com o conceito de texto visto por Geraldi (1998, p. 22) como o lugar das correlações: passado, presente e futuro.

O texto (oral ou escrito) é precisamente o lugar das correlações: construído materialmente com palavras (que portam significados), organiza estas palavras em unidades maiores para construir informações cujo sentido/orientação somente é compreensível na unidade global do texto. Este, por seu turno, dialoga com outros textos sem os quais não existiria. Este *continuum* de textos que se relacionam entre si pelos mesmos temas que se tratam, pelos diferentes pontos de vista que os orientam, pela sua coexistência numa mesma sociedade, constitui nossa herança cultural.

Em harmonia com a visão da AD sobre o referido conceito que, o vê como materialização do discurso a partir de sua historicidade, de seu processo de instituição (ORLANDI, 2015), funcionando, portanto, como unidade de análise, unidade de sentido naquela situação, podendo ser chamado também de *condição de produção = sujeito e situação*, isto é, escritor discursivo e a situação/contexto sócio-histórico-ideológico em que estava inserido durante a escrita do texto.

Dessa forma, percebemos conforme mostra-nos Marcuschi (2008, p. 81) ao trazer-nos o dito por Coutinho (2004, p. 29) que a relação entre texto e discurso é a complementação da atividade anunciativa ao passo que, “o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito” (ORLANDI, 2015, p. 68), como veremos nesta pesquisa, na qual identificamos discursos que se revelam através dos textos de alunos, nossos sujeitos discursivos.

Diante disso, vemos que para a AD a questão a ser respondida em análise não é o “o quê”, mas o “como” o texto, o discurso significa, afinal, “ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade” (Idem, p. 16), por isso, é importante ouvir com atenção o que dizem e como dizem, em específico, os alunos em suas produções textuais, objeto de análise desse artigo.



## 1. 2. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM DO PROFESSOR

O discurso pedagógico normalmente é instituído a partir da perspectiva do professor por este assumir um dos principais papéis hierárquico escolar que é ensinar aos alunos, seus inferiores, em outras palavras, “como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de forças, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação” (ORLANDI, 2015, p. 37). Considerando isso, escolhemos trabalhar o *ser professor* com um diferencial, este na visão do aluno. Mas, antes de apresentar a análise das produções discursivas acreditamos ser necessária uma recuperação e reflexão acerca das identidades do professor ao longo do tempo.

No texto *A aula como acontecimento*, Geraldi (2010) refleti sobre os modos como a profissão professor foi se concretizando ao longo do tempo no espaço escolar, afinal, todo o processo educacional como também suas percepções sobre o ser professor é “resultado de linhas evolutivas que se cruzam na história da sociedade e da cultura” (SACRISTÁN, 2005, p. 102).

Desde muito cedo o professor está intimamente relacionado ao saber que tem e decorrente disso, desde o início da história, quando se existia a chamada “escola de sábios” era visto como um sábio, sujeito pensante que se reunia com outros sujeitos-discípulos. Em outras palavras, “havia um produtor de conhecimentos, e esse produtor de conhecimentos, porque produtor, era buscado por seguidores, voluntários às vezes, forçados outras vezes, por interesses no conhecimento ou por demonstração de prestígio” (GERALDI, 2010, p. 83).

Com o passar do tempo, durante o Mercantilismo, quando houve a divisão social do trabalho educativo, pela primeira vez o professor adquiriu identidade profissional, no entanto, não se distanciou muito da anterior percepção docente que o ligava ao conhecimento; apenas passa a ser visto como transmissor do conhecimento produzido pelo outro, o qual se destinava ao aluno visto até então, como um receptáculo vazio, que se justifica pela alta demanda de aprendizes e insuficiente quantidade de doutos para ensinar, reflexo da revolução industrial que necessitava de alta demanda de trabalhadores com o mínimo de conhecimento, aptos apenas para realizar as atividades metódicas e tradicionais em seus ambientes de trabalho.

Isso muda a partir do século XX quando decorrente da segunda divisão social do trabalho constrói-se uma nova identidade do professor, definido a partir deste momento “como aquele que aplica um conjunto de técnicas de controle de sala de aula” (GERALDI, 2010, p. 86). É nesse



período que a relação entre aluno e conhecimento passa a acontecer através do livro didático haja vista que, “ao professor compete distribuir o tempo, distribuir as pessoas, e verificar se houve “fixação” do conteúdo, comparando respostas dos aprendizes com o “livro do professor”, onde exercícios e tarefas estão resolvidos e oferecem a chave de correção” (Idem, p.87), apenas. Decorrente dessa nova percepção o aluno torna-se responsável de si e de seu (in)sucesso e desconsidera-se totalmente a sua situação social, o que atinge com mais força uma determinada classe social, a saber, a classe pobre dos cidadãos. Nesse período as aulas passam a ser unicamente expositivas e toma-se o conhecimento produzido pela ciência como verdade e não como hipótese.

E o modo de exposição desta verdade é uniforme – como a própria verdade se existente o seria. Quer dizer, o prestígio da suposta “verdade científica” se transfere para o modo de sua exposição aos aprendizes. E como alguns alcançam o sucesso trabalhando com o material que lhes é entregue, quando há insucesso, este é culpa do aluno (GERALDI, 2010, p. 88, 89).

Acreditamos que estas três percepções sobre o ser professor ainda estão em vigência em nossas escolas, ainda que com intensidades diferentes. Na escola, é comum encontrarmos professores que apenas executam atividades propostas pelo livro didático (LD), razão por qual toda aula parece um ritual: copiar, responder e corrigir exercícios sem, ao menos, considerar as respostas dos alunos, apenas a do LP; e na universidade, os professores, por alguns, ainda são considerados os detentores do saber, os sábios.

Além dessas percepções sobre o professor temos mais outras; primeira, a do professor como parte da família, ideia introduzida desde o início da educação quando esta foi “acolhida no clima afetuoso de algumas relações familiares prazerosas” (SACRISTÁN, 2005, p. 101) e isso perdura até os dias atuais, quando o professor além da função de ensinar o conteúdo programático da grade curricular tem de ensinar valores e princípios de respeito e ética. Segunda, a do professor reflexivo que busca se estabelecer nos dias atuais, buscando um ensino funcionalista, que motive o aluno a querer aprender. Já temos alguns pequenos vestígios desse tipo de professor. Na seção a seguir veremos algumas dessas percepções nas produções discursivas de alunos do ensino fundamental.

## **2. METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de base interpretativa, esta se justifica, uma vez que, focaliza a interação linguística entre teoria e prática a partir de dados coletados em contexto escolar, a saber, produção escrita de alunos realizada em sala de aula.



A metodologia utilizada para elaboração deste trabalho tem como referência a análise qualitativa, pois analisamos as produções de alunos evidenciando uma leitura interpretativa sem nos colocarmos “fora da história, do simbólico ou da ideologia”, pelo contrário, colocamo-nos “em uma posição deslocada que” nos “permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 2015, p. 59). A análise está fundamentada teoricamente na Análise de Discurso de base pêcheutiana traduzida por Eni P. Orlandi.

Com base no objetivo desta pesquisa, selecionamos uma turma de 9º ano do ensino fundamental, do turno da tarde, de uma escola pública municipal, da cidade de Boqueirão – PB, totalizando 10 alunos. Foram três aulas destinadas à elaboração da produção textual, objeto de nossa análise, visto que, as referidas produções ainda estão em processo de reformulação/ões.

O tema escolhido, para contemplar a proposta, foi o tema professor, abordado inicialmente durante a realização de leitura e discussão oral de questões de um exercício proposto pelo livro didático referente a crônica *A visita*, de Walcyr Carrasco. Em seguida, pedimos aos alunos que produzissem um texto acerca do que é ser um bom professor a seu ver, e como este com as características citadas por eles podem contribuir no processo de aprendizagem de cada um deles, contando-nos como exemplo sobre algum educador que os tenha marcado de forma especial.

Nestas produções foram observadas algumas regularidades discursivas, estas caracterizam uma percepção vasta e heterogênea sobre o objeto de estudo proposto, o professor; como veremos na seção a seguir.

### 3. ANÁLISE DE DADOS

Cientes de que,

ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder dever/dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2015, p. 50, 51).



decidimos saber o que alunos pensam ser (necessário para ser) um bom professor. Após “ouvi-los”, distribuímos nessa seção a descrição e análise dos trechos de produções textuais<sup>2</sup> selecionados de forma coerente, conforme as formações discursivas iam evidenciando-se nestes.

### 3. 1. A IMAGEM DO PROFESSOR AFETUOSO

#### *Recorte I*

*“Um bom professor é aquele que compreende o aluno e percebe suas dificuldades... que nos trata como mãe”.*

Neste primeiro recorte, percebe-se que ao professor está muito ligado a compreensão e isso pode se justificar devido a muitos ainda o enxergarem como “segundos/as pais e mães” o que fica evidenciado no final do trecho que diz: *“que nos trata como mãe”*. Através desta e de outras produções textuais pudemos constatar que esse ainda é um discurso comum, como veremos a seguir:

#### *Recorte II*

*“Ser um bom professor é nos ensinar, o que não sabemos, e queremos realmente aprender, alguns dos professores tem o dom de ser uma mãe ou um pai para nós, pois, na maioria das vezes eles nos dar amor, carinho, e até mesmo atenção, que às vezes nem temos em casa”.*

#### *Recorte III*

*“Ser o bom professor não é só ensina os alunos tudo o que ta no livro é compreendelos, respeitalos, amalos como se fosse seus filhos e além te tudo brincar com os alunos, na vida os professores são como nossos segundo pais, vão estar lár nas horas mais difícios e boas dos alunos”.*

Em ambos os recortes acima notamos a reafirmação do discurso contido no recorte anterior. No recorte II através do trecho que diz: *“alguns dos professores tem o dom de ser uma mãe ou um pai para nós, pois, na maioria das vezes eles nos dar amor, carinho”* e no recorte III em todo o texto, principalmente, na frase *“é compreendelos, respeitalos, amalos como se fosse seus filhos”*. Os três trechos destacados remetem a uma supervalorização do emocional no ensino, neste comumente vemos professoras serem chamadas de tias e professores/as serem vistos/as como pai/mãe. Nessa visão a educação passa a ser entendida como responsabilidade do professor que,

---

<sup>2</sup> Os trechos de produções textuais selecionados para este trabalho foram transcritos sem qualquer alteração.



além de ensinar o conteúdo da grade curricular tem de ensinar valores e princípios e mesmo tentar compreender o aluno e dar-lhe o amor que deveria ser dado pelos pais, o que é claramente evidenciado no trecho “*e até mesmo atenção, que às vezes nem temos em casa*”, nesse o próprio aluno reconhece que essa função não é do/a professor/a e sim de seus pais quando este usa dos termos, ainda que inconscientemente, “*e até mesmo*”. Discurso esse que, infelizmente, ainda é reproduzido pelos próprios professores que dizem aos seus/suas alunos/as considerá-los como filhos/as.

### 3. 2. A IMAGEM DO PROFESSOR COMO SÁBIO

*Recorte IV:*

*“Um bom professor é aquele que sabe o conteúdo a ser ensinado e a maneira de ensinar e ter domínio do conteúdo e saber gerenciar a sala de aula, ensinar e motivar os alunos são características presentes nos bons docentes”.*

Neste recorte percebemos a imagem do professor como sábio à medida que ao vê do aluno o professor precisa saber; **saber** o conteúdo, **saber** como ensinar, **saber** gerenciar a sala de aula, **saber** motivar os alunos. Este se assemelha demasiadamente, parafraseia o discurso acadêmico de formação de professores, pois se observarmos bem, as características citadas pelo aluno são justamente os objetivos propostos na graduação em licenciatura, momento em que o aluno-professor em formação é avaliado pelo seu conhecimento. Além disso, se focarmos neste e unimo-lo ao recorte III, com a frase “*Ser o bom professor não é só ensina os alunos tudo o que ta no livro*”, notamos uma rejeição a imagem do professor “como aquele que aplica um conjunto de técnicas de controle na sala de aula” (GERALDI, 2010, p. 86), o que nos leva a questionar: Será que até o aluno já percebeu essa dependência do professor do LD? Dependência essa que faz regredir a identidade de professor e responsabiliza o aluno pelo seu não aprendizado.

### 3. 3. A IMAGEM DO PROFESSOR INOVADOR

*Recorte V:*

*“Para ser um bom professor precisa de muito esfoço para da um bom conteudo e para explicar de uma maneira que o aluno possa raciocinar. Para ser um bom professor ezige muito esfoço, ou seja, para preparar as aulas, as provas, corrigir as atividades etc. e para ser um bom professor precisar do esfoço tambem do aluno”.*





Este recorte nos chamou atenção por percebermos que o aluno já sente a necessidade de um ensino inovador, reflexivo, pois, o antigo método de ensino não supre mais as suas necessidades quando diz *“para explicar de uma maneira que o aluno possa raciocinar”*, logo, nota-se que o aluno sabe que nem todas as atividades o conduzem ao raciocínio, algumas são metódicas e prescritivas; pensamento retomado por outra aluna que enuncia:

*Recorte VI:*

*“precisa ajudar os alunos não dando as respostas e sim incentivando para que se torne melhor o seu aprendizado”.*

Afinal, como nos diz Geraldi (2010, p. 96) *“aprender não é se tornar um depósito de respostas já dadas. Saber não é dispor de um repertório de respostas. Saber é ser capaz de compreender problemas, formular perguntas e saber caminhos para construir respostas”.*

Mas, óbvio, para isso, como destaca outro aluno em seus ditos *“para ser um bom professor precisar do esforço também do aluno”* (recorte V). Ou seja, para o aluno aprender ele precisa querer, por essa razão necessitamos de um ensino inovador, que estude o conteúdo programático sim, mas que de forma reflexiva, a partir das vivências do aluno, de forma divertida, enfim, de forma interessante para o aprendiz. O que nos faz falar da necessidade de motivar o aluno, afinal, nessa condição ele terá um aprendizado mais rentável e prazeroso porque ele desejará aprender, principalmente, em momentos como este em que o aluno pensa *“Ser um bom professor é nos ensinar, o que não sabemos, e queremos realmente aprender”* (recorte II), afinal, *“tudo o que se pode ensinar sempre é potencialmente possível de aprender por alguém com interesse”* (SACRISTÁN, 2005, p. 200), o que também é destacado em outra produção textual que diz: *“ensinar e motivar os alunos são características presentes nos bons docentes”.*

### **3. 4. A IMAGEM DO PROFESSOR JUSTO**

Outra regularidade percebida foi a incidência do enunciado abaixo em, pelo menos, quatro das dez produções textuais.

*Recorte VII:*

*“Para mim um bom professor é aquele que leciona sua matéria igualmente para todos os alunos, aquele que trata todos os seus alunos de uma só maneira”.*

*Recorte VIII:*

*“Trata-los igualmente”.*



*Recorte IX:*

*“Um bom professor é aquele que não deixa nenhum aluno para trás”.*

*Recorte X:*

*“não tratar com indiferenças”.*

Nestes, através do não-dito, fica registrado que há professores que tratam seus alunos com distinção, distinção mais comum entre os alunos que sentam nas carteiras da frente e os do “fundão”, considerados interessados e desinteressados, respectivamente. Isso é preocupante, pois se em um ambiente escolar harmonioso o aluno não interessar-se por aprender, fará isso se sentido inferior aos olhos do professor? Esse enunciado foi dito, parafraseado de, pelo menos, três formas: *“tratá-los igualmente”*, *“bom professor é aquele que não deixa nenhum aluno para trás”* e *“não tratar com indiferença”*, como vimos acima, o que faz-nos ver com clareza que não existe enunciado dito apenas uma vez, que o mesmo pode ser dito de várias formas.

Por fim, apesar de todas essas imagens formadas sobre o professor, o aluno está ciente da condição trabalhista deste profissional e, inclusive, parafraseia o discurso pedagógico, como podemos ver no recorte abaixo.

*Recorte XI:*

*“tem que ser dedicado, atencioso e comprometido. O problema é que o professor é um profissional que recebe muito pouco, enfrenta péssimas condições de carreira e é excessivamente cobrado”.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho pudemos refletir acerca de algumas das contribuições da AD, a saber, resgate da interdisciplinaridade entre discursos, análise de discursos, reflexão sobre os efeitos de sentidos estabelecidos nestes discursos, etc. A partir disso, fomos lembrados de que o aluno como sujeito parte de uma sociedade assumi várias posições, entre elas, sujeito-filho, sujeito-autor de suas produções, sujeito-religioso, sujeito-aluno, etc. e conseqüentemente em cada um desses contextos possui um discurso significativo e por essa razão escolhemos analisar o discurso deste.

Discurso este heterogêneo, mas que predomina as imagens do (1) professor afetuoso, do (2) professor como sábio, do (3) professor inovador e do (4) professor justo. Para nós foi uma grande surpresa analisar tais produções discursivas e encontrar essa variedade de imagens visto que, o aluno normalmente quando pedido para falar de um professor, fala apenas positivamente, com



muitos elogios; o que nos faz pensar que estes se sentiram livres ao escrever tendo em vista que, um dos medos dos alunos é o professor saber o que dizem destes ainda que de forma genérica.

Outra surpresa foi encontrar percepções críticas-reflexivas, isto nos faz mudar até mesmo nosso olhar sobre o aluno, visto comumente como sujeito passivo no contexto escolar, razão por qual nem mesmo é ouvido, apenas deve obedecer aos seus superiores hierarquicamente falando, aos professores, a direção escolar, a coordenação, etc. Não só ler/analisar com mais atenção o aluno como também suas produções sabendo que, estas têm muitas informações a nos ofertar, além de ser um meio de conhecermos os pontos de vista do educando.

Enfim, estamos satisfeitos com o resultado deste trabalho e com este sentimento cada vez mais a necessidade de trabalhar as produções textuais dos alunos de forma dialógica, significativa, ao invés, de limitarmos-nos a correção gramatical, sem retorno relevante e de certa forma desmotivadora. Esperamos ter contribuído para um ensino que contemple o todo do aluno e não apenas destaque seus erros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAPPINI, Ligia. Aprender e ensinar com textos. In CHIAPPINI, Ligia et al (Org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª edição, Pontes Editores, Campinas, SP, 2015.

PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre et al (Org.). *Papel da memória*. Campinas – SP: Pontes Editores, 2010.

RODRIGUES, R. H; ROHLING; N. *O discurso sobre o professor mediador: uma reflexão sobre produções discursivas de licenciandos na educação a distancia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – v. 10 – n. 2 – p. 410-472 – jul/dez 2014.

SACRISTÁN, Gimeno. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, J. P. dos; LIMA, J. G. *Um outro modo de ler a produção textual do aluno*. Fonte: Disponível em: <http://2016.cobesc.com.br/anais-eletronicos-do-evento/>.